



UNIVERSIDADE
E D U A R D O
MONDLANE

FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA
CURSO DE LICENCIATURA EM ANTROPOLOGIA

Em tempos de mudança - Dinâmicas de reprodução social entre um grupo de vendedoras de invertebrados no Mercado dos Pescadores na Cidade de Maputo

Candidato: Stélio Virgínio Jotamo

Supervisor:

Hélder Nhamaze

Co-supervisor:

Danúbio Lihabe

Maputo, Agosto de 2021

Em tempos de mudança - Dinâmicas de reprodução social entre um grupo de vendedoras de invertebrados no Mercado dos Pescadores na Cidade de Maputo

Trabalho de Culminação de Estudos apresentado na modalidade de projecto de pesquisa ao Departamento de Arqueologia e Antropologia, Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de licenciatura em Antropologia.

O júri

Supervisor

Presidente

Oponente

Declaração de Originalidade

Eu, Stélio Virgínio Jotamo, estudante do curso de licenciatura em Antropologia na Universidade Eduardo Mondlane, Faculdade de Letras e Ciências Sociais declaro, por minha honra, que este relatório de pesquisa é original. Que o mesmo é fruto da minha investigação estando indicadas ao longo do trabalho e nas referências as fontes de informação por mim utilizadas. Declaro ainda que, o presente trabalho nunca foi apresentado anteriormente, na íntegra ou parcialmente, para a obtenção de qualquer grau académico.

Stélio Virgínio Jotamo

Maputo, Junho de 2021

Dedicatória

Em memória de meu avô Francisco
Moisés Jotamo

Agradecimentos

Em primeiro lugar agradeço a Deus pela vida e saúde. A minha mãe Virgínia Rosalina Jotamo pelo apoio, durante os quatro anos de formação e agradeço todos os participantes do estudo que tornaram possível a realização deste trabalho.

Em segundo lugar, agradecer ao Dr. Hélder Nhamaze, meu supervisor, e co-supervisor Dr. Danúbio Lihaha, pela disponibilidade, confiança, orientações, incentivos, aconselhamentos e sugestões durante a elaboração deste trabalho. Aos professores do DAA (departamento de Arqueologia e Antropologia) que contribuíram dia e noite durante os quatro anos de formação, Emídio Gune, Danúbio Lihaha, Johane Zonjo, Esmeralda Mariano, e Sandra Manual.

Em terceiro, agradecer à todos meus colegas da turma de Antropologia 2016 em especial a Rosa Vicente, Sérgio Fernando Mabjaia, Selma Tembe pelo apoio. Agradecer ao meu grupo de estudos na turma, Gilda Pedro, Florência Tovela, Márcia Chirindza e Helena Mabote pela ajuda, companhia e dedicação. Ao Américo Zandamela e Yolanda Manganhe da turma de Antropologia 2013 e Quiséria Toalha da turma de 2015.

E por fim, agradecer à toda minha Família, minha avó, meus tios e meus irmãos Anderson Lucas e Arlindo Francisco pelo apoio e confiança e a meu amigo Benildo Macamo pela ajuda.

Obrigado a todos!

Resumo

A presente pesquisa analisa dinâmicas de reprodução social entre as revendedoras de amêijoas no mercado dos pescadores na praia da costa do sol. naquela praia e a abordagem de Da Silva (2013) Almeida e Jardim (2018) que atribui as metamorfoses do ambiente costeiro, às acções humanas. Esta análise foi feita tendo em conta as novas condições ambientais impostas pelas transformações provocadas pela exploração desordenada e excessiva de recursos que provocou o desaparecimento de amêijoas. A escassez de invertebrados marinhos e o desaparecimento de amêijoas em particular, implicou mudanças no seu meio-ambiente que tornaram impossível a continuação da captura de amêijoas, e como formas de adaptação, as participantes do estudo decidiram abandonar a cautura de amêijoas e tornaram-se vendedeiras de mariscos no Mercado dos Pescadores.

Para construção do argumento apoiei-me à três teorias, nomeadamente: Dinâmica Cultural de Bernardo Bernardi (2007), a Ecologia Cultural de Julian Steward e a Ecologia Processual (Neves 2002). A primeira defende que a cultura é dinâmica e está susceptível à mudanças e transformações de alguns dos seus elementos ou da cultura como um todo. A Ecologia Cultural defende que o meio ambiente funciona como um factor gerador de cultura e a Ecologia processual examina a relação existente entre o meio ambiente e os sistemas de produção, através da observação de respostas populacionais e de estratégias adaptativas. Especificamente, diante de eventos ou problemas ambientais.

Palavras-chave: *Reprodução Social; Meio-ambientais; Amêijoas; Vendedoras; Costa do Sol.*

Abreviaturas

ADNP Administração Nacional das Pescas

DAA Departamento de Arqueologia e Antropologia

IIP Instituto de Investigação Pesqueira

INIP Instituto Nacional de Inspeção de Pescado

MIMAP Ministério do Mar, Águas Interiores e Pesca

UEM Universidade Eduardo Mondlane

Índice

Declaração de Originalidade	i
Dedicatória.....	ii
Agradecimentos	iii
Abreviaturas.....	v
Capítulo I: Introdução	1
Capítulo II: Estado de Arte	5
Capítulo III: Enquadramento teórico e conceptual	9
3.1. Quadro teórico	9
3.2. Conceptualização	12
Capítulo IV: Procedimentos Metodológicos	14
4.1. Etapas da elaboração do trabalho.....	14
4.2. Técnicas de registo de dados.....	15
4.3. Constrangimentos no processo da elaboração da pesquisa	16
Capítulo V: Estratégias de reprodução social das revendedoras de invertebrados no Mercado da Costa do Sol	18
5.1. Características da costa moçambicana.....	18
5.2. Ervas marinhas e algas.....	19
5.3. A zona dos pescadores e o Bairro da Costa do Sol	19
5.4. O Mercado dos Pescadores	20
5.5. Perfil dos informantes	21
5.6. A vida antes da escassez dos invertebrados	22
5.7. As transformações antropogénicas na Praia da Costa do Sol	25
5.7.1. A sobre exploração de recursos	25
5.7.2. Conservação do ambiente e legislação.....	27
5.7.3. A poluição do ambiente	28

5.8.A captura de invertebrados na praia da Costa do Sol.....	30
5.9 As novas estratégias de reprodução social imposta pelo desaparecimento das amêijoas	31
5.9.1. O processo de obtenção das amêijoas da praia de Macaneta	34
Capítulo VI: Considerações Finais	36
Referências Bibliográficas	38
Anexo.....	42

Capítulo I: Introdução

Este trabalho constitui um projecto de pesquisa efetuado como requisito parcial para obtenção do grau de licenciatura em Antropologia, na Universidade Eduardo Mondlane, na Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Departamento de Arqueologia e Antropologia. O trabalho analisa dinâmicas de reprodução social entre um grupo de vendedeiras de amêijoas no Mercado dos Pescadores. A pesquisa surge após uma investigação etnográfica-exploratória na zona dos pescadores em Maputo.

Quando pensei em estudar a relação entre o homem e o meio ambiente, no bairro da Costa do Sol, na Zona dos Pescadores no Município de Maputo, a minha intenção era compreender de que modo os pescadores mantem o equilíbrio protecção, conservação e utilização sustentável dos recursos bio aquáticos. Mas, as conversas informais com os pescadores levaram-me até aos colectores e vendedeiras de invertebrados na praia da Costa do Sol.

Decidi manter as conversas informais com as colectoras e vendedeiras de invertebrados. Nessas conversas, algo chamou-me atenção, pois os participantes do estudo explicaram que certas espécies de amêijoas¹ já não podem ser encontradas na praia da Costa do Sol. Questionando onde encontravam as amêijoas, as vendedoras diziam que:

(...) nós compramos amêijoas na praia de Macaneta, aqui na nossa praia já não temos amêijoas há muitos anos, até conseguimos um pouco das amêijoas “ariscadas”, mas as “amêijoas” brancas não saem mais aqui na praia da Costa do Sol porque temos que depender deles.

(...) eu apanho amêijoas desde que eu tinha 7 anos, mas a alguns anos eu já não apanho amêijoas porque já não temos na nossa praia, eu compro com aqueles da praia de Macaneta e depois revendo aqui no mercado de Macaneta.

¹ Amêijoa é a designação comum dada aos bivalves pertencem ao filo Mollusca, um grupo que inclui uma diversidade de animais, tais como, gastrópodes, cefalópodes (lulas e polvos), entre outros. O filo inclui seis classes das quais uma dela é a Lamellibranchia ou Bivalvia. Os organismos pertencentes à nesta classe são caracteristicamente comprimidos lateralmente e as partes do corpo moles encontram-se completa ou parcialmente encerradas num exo esqueleto sob a forma de uma concha, composta por duas valvas calcárias (Oliveira 2012).

Dos trechos acima arrolados, pude perceber que as pessoas falavam mais da escassez de amêijoas na praia da Costa do Sol e como faziam para consegui-las. Isso levou-me a estudar as formas pelas quais as vendedeiras de invertebrados sobrevivem em meio à escassez de amêijoas. Tendo em conta este facto, decidi analisar como as vendedeiras de invertebrados² adaptaram-se às mudanças ambientais (o desaparecimento de amêijoas).

Para melhor compreensão do assunto, fiz uma revisão literária sobre dinâmicas de reprodução social das comunidades pesqueiras em contexto das mudanças ambientais. Das análises feitas, encontrei três perspectivas: A primeira perspectiva defende que, as mudanças nas actividades das comunidades pesqueiras derivam da nova racionalidade económica. Essa racionalidade, surge com pesca industrial-capitalista que trás técnicas modernas que encontram as tradicionais da pesca artesanal. (Diegues, 1999; Morão, 1967; Romero, 2014 e Muhamade, 2014); a segunda perspectiva advoga que, as mudanças nas comunidade pesqueiras surgem por causa de questões ecológicas e climáticas (Manganhe 2017; Forman 2013). Se por um lado, essas perspectivas permitem compreender em que condições ocorrem as mudanças de actividades económicas nas comunidades pesqueiras, por outro lado, são incapazes de explicar como grupos específicos nessas comunidades fazem para adaptar-se a essas mudanças. A terceira perspectiva advoga que, essas mudanças ocorrem devido a degradação ambiental, provocada pela expansão urbana; a destruição dos espaços costeiros e turismo desordenado (Da Silva *et al.* 2013; Almeida e Jardim 2018). Esta perspectiva explica os contextos onde há transformações do ambiente natural da costa devido a acção humana, no entanto, não explica como grupos específicos conseguem adaptar-se a essas mudanças causadas pelas transformações do ambiente devido a acção humana.

Para a progressão e melhor entendimento, desloquei-me até ao Mercado dos Pescadores na praia da Costa do Sol para realizar uma pesquisa exploratória (do tipo etnográfica) entre as vendedeiras de invertebrados² para compreender como conseguiam amêijoas sendo que, a sua fonte de pescado apresenta uma inexistência de amêijoas.

² Invertebrados é um termo usado para designar o conjunto de todos os animais que não possuem vértebras, em contraposição ao grupo dos vertebrados. Para estes autores esse agrupamento não é natural, sendo apenas uma designação de cunho prático, consagrada pelo uso e adoptada até mesmo em livros didácticos. Compreende actualmente 30 a 35 filos dos quais 16 são exclusivamente marinhos, 8 são predominantemente marinhos (nesse grupo encontramos os Moluscos) e 2 sem representantes marinhos (Migotto e Marques 2003).

Os dados recolhidos permitiram-me perceber que aquelas que hoje são vendedeiras de mariscos, passaram por uma mudança de estratégias de reprodução social, pois, o desaparecimento das amêijoas na praia da costa do sol, fez com que abandonassem a recolha de amêijoas e passassem a comprar amêijoas em outra praia e revenderem no mercado da costa do sol, deixaram de ser recolectoras de amêijoas e tornaram-se vendedeiras de mariscos.

Para compreensão do processo que levou a mudança de estratégia de reprodução social, foi necessário um recuo histórico na vida dos participantes do estudo e perceber que essa mudança foi gradual, primeiro as participantes do estudo eram exclusivamente colectoras de amêijoas, mas com o passar do tempo as amêijoas na praia da costa do sol começaram a escassear, fazendo com que as colectoras de amêijoas a comprar amêijoas e revender no Mercado dos Pescadores sem abandonar a recolha de amêijoas, mas quando não conseguiam encontrar amêijoas passaram a dedicar-se exclusivamente a revender amêijoas e mariscos no Mercado dos Pescadores.

Os resultados desta pesquisa, podem ser usados pelas entidades responsáveis pela conservação e controlo do ambiente costeiro para criar ou aprimorar o processo de conservação e controlo dos ecossistemas costeiros com especial atenção para a captura de invertebrados em Moçambique em geral e, na praia da Costa do Sol em particular.

O trabalho está organizado em seis capítulos. Feita a presente introdução, no segundo capítulo apresento a revisão de literatura e a problemática. O terceiro capítulo é dedicado ao enquadramento teórico e a conceptualização. No quarto capítulo indico os procedimentos metodológicos. O quinto capítulo é dedicado à análise e interpretação dos dados e finalmente no sexto capítulo apresento as considerações finais da pesquisa.

Capítulo II: Estado de Arte

O mar já era um lugar de actividades humanas desde os tempos mais remotos da humanidade, durante muitos anos, essas actividades possibilitaram o acúmulo de conhecimentos sobre o mar. Esse conhecimento foi ampliado com o auxílio das viagens de exploração e constitui o cerne de todas as produções da ciência moderna ou positivista da actual oceanografia física (Diegues 1999).

Até recentemente, as ciências sociais estavam ausentes dos estudos das populações ou comunidades costeiras ³ como unidade de análise, e esta ausência, deveu-se a dois factores, externos e internos. Os factores externos fazem menção à pesca como uma actividade “naturalizada”, como se fosse um acto “natural” e, os estudos das ciências naturais indicavam que os mares eram grandes vazios humanos sem populações permanentes que pudessem interferir nos processos ecológicos (Diegues 2003).

Os factores internos derivam do facto de que, as ciências sociais não estudaram as comunidades marítimas ou pesqueiras³ à parte, porque consideravam que essas comunidades estavam inseridas dentro dos estudos do mundo rural, o litoral, a costa, o mar e o oceano eram simplesmente extensões do continente contente e suas populações, e não populações que podiam ser usadas como unidade de análise específica. Este factor também é indicado por Nunes (2007) que advoga que essas populações eram tidas como uma continuação das comunidades rurais. Por isso, os estudos dessas populações traziam análises pouco profundas e não exploravam as suas especificidades. A agricultura e a pesca são duas actividades que são demarcadas naturalmente em função do espaço físico, económico e simbólico. Por isso, a comparação entre ambas actividades não resulta de uma escolha racional, mas são resultado dessa partilha (Nunes 2007).

Malinowski foi um dos pioneiros nos estudos das comunidades marítimas (Diegues 1999). Na sua obra, *Os argonautas do pacífico ocidental*, Malinowski estuda a sociedade das ilhas trobriandesas onde analisou viagens marítimas para o exercício do ritual do “kula” (Malinowski 1978). Mas a obra de Malinowski serviu mais para fundar o funcionalismo do que um campo disciplinar nos estudos das populações marítimas. Somente em 1946 Raymond Firth, antropólogo funcionalista,

³ Comunidades marítimas, pesqueiras ou litorâneas cujos membros viviam, sobretudo ou parcialmente, da actividade pesqueira (Clauzet et al 2005)

produziu uma monografia sobre os pescadores malaios. Nesse trabalho, Firth, utilizou indistintamente os termos “economia de pescadores” e “economia camponesa” (Diegues 1999).

Nos anos 70 começam a surgir os primeiros centros de organização e pesquisas sobre as comunidades marítimas e de pescadores. Nesse contexto, cresceu o número de cursos de antropologia marítima em departamentos de Antropologia. Isso impulsionou o surgimento da antropologia marítima como disciplina da antropologia. Todos esses factores, adicionados ao surgimento da pesca industrial-capitalista, contribuíram para os estudos das comunidades marítimas (Diegues 1999). Os estudos dessas comunidades gravitavam a sua atenção em várias dimensões da vida social, tais como: o simbólico, o económico, o ecológico e até os conhecimentos locais dessas comunidades passaram a ser analisados através de estudos antropológicos.

Nesse período, consolidam-se pesquisas académicas, influenciadas por políticas governamentais que incentivavam à modernização e a industrialização da pesca no litoral brasileiro especialmente, nas regiões sul e sudeste. O capitalismo industrial da pesca marcado por programas e empreendimentos privados causou transformações na pesca artesanal (Romero 2014). Todos esses factores combinados, possibilitaram o surgimento de uma subdisciplina da antropologia denominada Antropologia Marítima ou Sócio-Antropologia das comunidades pesqueiras.

Das análises feitas na literatura para compreensão das dinâmicas de reprodução social em comunidades marítimas, identifiquei três perspectivas. Na primeira perspectiva encontramos autores como (Diegues 1999; Morão 1967; Romero 2014; Muhamade 2014), que defendem que essas mudanças nas actividades das comunidades pesqueiras surgem por causa da nova racionalidade económica. Essa racionalidade, surge com pesca industrial-capitalista que trás técnicas modernas que encontram as tradicionais da pesca artesanal.

Um trabalho etnográfico em Canaveira, São Paulo, feito por Morão (1967) mostra que as mudanças em comunidades pesqueiras deriva da nova racionalidade económica que causa conflito com a elite agrícola local. Os pescadores adoptam métodos industriais na prática da pesca artesanal. Com essa adopção, os pescadores podem perder as suas tradições pesqueiras.

Ainda nesta mesma linha de abordagem Muhamade (2014) num trabalho feito com os pescadores em angoche, Quelimane sobre a prática da pesca com redes de arrasto, defende que os pescadores articulam práticas tradicionais de pescas e práticas sugeridas pelas autoridades e, procuram manter as práticas tradicionais que têm uma dimensão simbólica e cultural e em simultâneo adoptam as políticas vigentes.

Esta perspectiva, apesar de mostrar como os pescadores adaptam-se em contextos de implementação das novas práticas industrializadas de pesca, não é capaz de explicar como eles adaptam-se em contextos onde essas mudanças são impostas por condições ambientais.

Na segunda perspectiva, encontramos autores que defendem que essas mudanças, para além de causa socioeconómicas têm causas ecológicas que derivam das mudanças sucessivas das estações do ano. Nesta perspectiva, encontramos autores como Forman (1970) e Manganhe (2017).

Na obra intitulada *The Rafter Fishaman*, Forman (2013) analisa as mudanças económicas dos Pescadores de jangada no Brasil onde, nota uma resistência por parte dos pescadores às mudanças introduzidas pelos padrões capitalistas que consistem numa cooperação entre os pescadores para trabalhar em barcos de patrões. Para Forman (1970), os pescadores estavam dispostos a respeitar o sistema de compartilhamento nos meses de inverno em barcos que lhes davam um conforto maior do que as jangadas. Mas, no verão preferiam pescar como independentes ao invés de fazer parte de uma tripulação.

A ideia de Forman (1970) é corroborada por Manganhe (2017). Num trabalho feito com os pescadores da Costa do Sol, com o objectivo de compreender como estes acedem ao mercado de trabalho. A autora explica que, no inverno há uma escassez de pescado, típica desta época do ano. Os pescadores procuram desenvolver outras actividades económicas como trabalho de motorista de “chapa”³, pedreiro, carpinteiro entre outras. Alguns fazem-no no verão como forma de angariar recursos adicionais para sustento da família.

O ponto de vista apresentado por Forman (1970) e Manganhe (2017) explica como as comunidades pesqueiras adaptam-se às mudanças no ecossistema causadas pela variação das estações do ano (inverno e verão). Mas, negligenciam os contextos onde essas mudanças são causadas pelas metamorfoses no ambiente por causa da acção humana.

A terceira perspectiva é defendida por Da Silva *et al.* (2013) e Almeida e Jardim (2018). Para os defensores desta perspectiva, as mudanças nas comunidades pesqueiras são causadas pelas acções humanas que transformam o ambiente natural das zonas costeiras.

Num estudo com o objectivo de identificar as características socioeconómicas e culturais de comunidades litorâneas brasileiras, Da Silva *et al.* (2013) advogam que, essa comunidade tem sofrido rápidas mudanças no seu modo de vida e de subsistência devido à degradação ambiental provocada pela expansão urbana, pela destruição dos espaços costeiros e pelo turismo desordenado, provoca o declínio das actividades tradicionais e cria conflitos entre a pesca artesanal e a actividade turística.

Outros autores que defendem essa perspectiva são, Almeida e Jardim (2018), que realizou um estudo em Pará no Brasil com o objectivo de analisar as principais mudanças socioeconómicas e ambientais causados pelos investimentos públicos para a expansão urbana, rodoviária e turística.

De acordo com o autor supracitado, as comunidades pesqueiras do litoral do Pará sofreram grandes mudanças em seu aspecto por não estarem preparados para receber os efeitos dos investimentos feitos pelas políticas públicas. Essas mudanças são notórias, a nível socioeconómicos e ambientais.

Na segunda perspectiva, as mudanças de actividade propostas por Forman (1970) e Manganhe (2017) são mudanças temporárias, pois coadunam com as estações do ano. Para o primeiro, os jangadeiros preferiam trabalhar nos barcos dos patrões no inverno quando há escassez de peixe, mas no verão, eles trabalham de forma independente nas suas próprias jangadas. Algo similar acontece com os pescadores da Costa do Sol, no inverno, por causa da escassez de peixe, procuram outras formas de subsistência.

Nesta terceira perspectiva Da Silva *et al.* (2013) e Almeida e Jardim (2018), analisam um contexto diferente, no qual não são as mudanças das estações do ano que criam uma transformação nas comunidades pesqueiras, mas sim, as transformações são causadas pela degradação ambiental e provocada pelas acções antropogénicas como, a expansão urbana, a destruição dos espaços costeiros e turismo desordenado.

Problemática

Uma análise das três perspectivas apresentadas e notório que, as primeiras duas perspectivas de análise propostas nesse trabalho, apesar de, explicarem as origens das mudanças sociais de formas distintas, essas perspectivas assemelham-se na forma como explicam as respostas dessas comunidades, face a essas mudanças. Tanto a primeira perspectiva como a segunda, recaem sobre o dualismo moderno e tradicional.

Enquanto a primeira perspectiva de análise apresenta factores socioeconómicos como causadores das mudanças nessas comunidades, a segunda perspectiva apresenta as sucessões naturais das estações do ano como impulsionadores de mudanças. Apesar das primeiras duas perspectivas de análise apresentadas neste trabalho contribuírem para compreender aspectos das mudanças que ocorrem na forma de reprodução social das comunidades pesqueiras, nenhuma das perspectivas consegue explicar o contexto no qual as mudanças ecológicas e ambientais interferem na forma de reprodução social das comunidades pesqueiras.

A terceira perspectiva de análise, defendida por Da Silva (2013), e Almeida e Jardim (2018) que atribuem as metamorfoses do ambiente costeiro às acções humanas. No entanto, esta perspectiva, não explica como grupos específicos conseguem adaptar-se a essas mudanças.

Como problemática exponho que, das perspectivas apresentadas denota-se a incapacidade de explicar como em contextos de mudanças ambientais, grupos específicos nessas comunidades, conseguem mudar as suas estratégias de reprodução social e adaptar-se às novas condições ambientais impostas pelas transformações causadas pela acção humana. Assim sendo, trago como pergunta de partida a seguinte: Quais são as estratégias de reprodução social, adoptadas pelas vendedeiras de amêijoas na praia da costa do Sul face às transformações ambientais?

Capítulo III: Enquadramento teórico e conceptual

Nesta sessão do trabalho, trago o enquadramento teórico e conceptual. primeiro, as teorias adoptadas para esta pesquisa e em seguida os conceitos operacionalizados nesta pesquisa .

3.1. Quadro teórico

Para o enquadramento teórico desde trabalho, adoptei três perspectivas teóricas, nomeadamente: Dinâmica Cultural; Ecologia Cultural e Ecologia processual (Neves 2002), as duas últimas

apresento-as como teorias complementares à primeira. Deste modo, estas três correntes teóricas constituem os alicerces deste trabalho.

A primeira perspectiva, a Dinâmica Cultural, é apresentada por Bernardo Bernardi (2007), que afirma que a cultura é dinâmica, ou seja, ela é susceptível a mudanças e transformações, nas quais, pode perder alguns elementos e incorporar outros. Este autor sustenta ainda que, esta dinâmica cultural possui um processo de resiliência face às mudanças, inovações ou transformações socioculturais que o tempo, a evolução e os processos históricos das sociedades contém em si.

Citado por Bernardi (2007) Malinowski faz distinção entre as necessidades fundamentais (*basic needs*) e as necessidades derivadas (*derived needs*). As primeiras são de carácter biológico e universal, por isso, indispensáveis à sobrevivência do homem, e para satisfazê-las o homem recorre a respostas culturais. As segundas (*derived needs*) são as respostas encontradas pelo homem para satisfazer as primeiras (*basic needs*) e são denominadas de imperativas, e cada imperativo, corresponde a uma resposta cultural como: instrumentos de trabalho; economia; conhecimento humano-controle social; autoridade-organização política e assim por diante.

Dos elementos da dinâmica cultural ⁴ Arrolados por Bernardi (2007) interessam-nos apenas dois para este trabalho, nomeadamente: a enculturação e a desculturação. A enculturação é o processo pelo qual os membros de uma cultura tornam-se participantes da própria cultura. É neste processo que informa-se forma-se a visão mental do homem e orienta-se o seu comportamento. Este processo pode ser formal e informal. No caso das vendedeiras de amêijoas a enculturação ocorreu informalmente, a captura das amêijoas era uma actividade passada de geração para geração. O processo de aprendizagem desde ofício era feito desde a infância e na fase adulta tornar-se-ia a principal actividade económica deste grupo social.

A desculturação é o processo de perda de um elemento ou a cultura por inteiro. A perda de um elemento cultural é denominada desculturação parcial. As vendedeiras de amêijoas do mercado

⁴Para além da enculturação e desculturação Bernardi (2007) aponta a aculturação como elemento da dinâmica cultural.

dos Pescadores passaram por uma desculturação parcial, pois, com o desaparecimento das amêijoas implicou o abandono de uma actividade que era transmitida de geração para geração.

A Dinâmica cultural, representada nesse trabalho pelos processos de enculturação e desculturação sofridos pelas vendedeiras de amêijoas, está directamente ligada às condições do ambiente costeiro. As mudanças no ambiente implicaram mudanças na actividade económica. Tendo em conta a importância do meio ambiente neste processo, trago para complementar a dinâmica cultural, uma segunda teoria, a Ecologia Cultural de Julian Steward.

De acordo com Neves (2002) para Julian Steward o meio-ambiente pode ser um factor gerador de cultura. A ecologia Cultural pretende compreender a relação existente entre certas características do meio ambiente e determinados traços da cultura da sociedade humana que vive naquele meio.

A Ecologia Cultural tem um problema e um método: seu problema objecto é examinar se os ajustes das sociedades a seus ambientes requerem modos particulares de comportamento ou se eles permitem uma amplitude de padrões comportamentais possíveis. Seu método repousa sobre três procedimentos fundamentais: o primeiro, é que as inter-relações entre tecnologia de exploração ou produção e o meio ambiente devem ser analisadas em primeiro lugar; segundo, devem ser observados os padrões de comportamento envolvidos na exploração de uma área particular por meio de uma tecnologia também particular; e por fim, investigar a extensão em que os padrões comportamentais engendrados pela exploração no ambiente afectam outros aspectos da cultura (Neves 2022).

A captura de amêijoas é uma actividade que depende da existência de um ambiente costeiro favorável à reprodução destas. As características do meio ambiente na praia da Costa do Sol, sempre foram favoráveis à reprodução das amêijoas. As transformações ambientais derivadas da exploração elevada e descontrolada de amêijoas levaram a sua escassez e posterior desaparecimento, e com isso, o abandono da captura desses invertebrados por parte das colectoras daquela praia.

A terceira perspectiva teórica que pode contribuir para a concretização do objectivo principal desde trabalho é a Ecologia Processual. Esta perspectiva teórica, examina a relação existente entre o meio ambiente e os sistemas de produção, através da observação de respostas populacionais e de

estratégias adaptativas especificamente diante de eventos ou problemas ambientais. Esta perspectiva tem em consideração os factores ambientais circunjacentes, factores socioeconómicos gerados pelas economias regionais (Neves 2002).

Para Neves (2002) o importante nessa teoria é “observar mudanças nas actividades individuais e colectivas, concentrando-se sobre os mecanismos pelos quais comportamentos humanos e limites ambientais influenciam-se reciprocamente”. Esta perspectiva torna-se relevante, pois, o objectivo do trabalho é analisar as estratégias de reprodução social adoptadas pelas vendedeiras de invertebrados com as mudanças que culminaram com o desaparecimento das amêijoas.

3.2. Conceptualização

Nesta parte do trabalho defino os conceitos-chave para a compreensão da pesquisa. Neste trabalho operacionalizei os conceitos de reprodução social e cultura.

Cultura

De acordo com Spiro (1998:197) Cultura “designa um conjunto de preposições normativas descritivas sobre a natureza, do homem e da sociedade, que estão mais ou menos imbricados na rede de conexões e configurações de ordem superior”. As preposições culturais contêm duas importantes dimensões. Primeiro, as preposições culturais são tradicionais, desenvolvidas nas experiências históricas dos grupos sociais e são partilhados pelos membros desta sociedade através de processos de transmissão social (enculturação) do que de experiências privadas. Segundo, essas preposições são codificadas como signos colectivos mais do que privados.

Neste trabalho considero a captura de invertebrados e as novas e técnicas de produção social, práticas culturais, na medida em que são actividades transmitidas e partilhadas dentro de um grupo social específico.

Reprodução social

Marx (1982, 1983) citado por Neto *et al.* (2009) apresenta dois tipos de reprodução: a “simples” que reflecte um estado estacionário da economia, tido como improvável em razão das próprias características do sistema capitalista; e a “ampliada”, que reflecte o processo de acumulação de capital, considerado como típico deste sistema económico.

Os autores supracitados advogam que o problema da reprodução na óptica de Marx, “advém da contradição básica do sistema capitalista, isto é, de que seu funcionamento não ocorre em função das necessidades da sociedade, mas, sim, do processo de acumulação de capital em si”. Assim sendo, a reprodução social segundo Marx, não é capaz de explicar os contextos nos quais o objectivo da reprodução é satisfazer as necessidades básicas dos indivíduos.

Outra definição de reprodução social, é trazida por Costa e Rodrigues (1999) citados por Zandamela (2017) definem estratégias de sobrevivência e reprodução como um conjunto de lógicas e práticas que articulam o tradicional e o moderno, resultantes das transformações e readaptações das sociedades a novos contextos centradas na família como grupo de organização e gestão das mesmas, e, implicando uma dispersão dos recursos, actividades e redes de relações. Zandamela (2017) enfatiza que estratégias de sobrevivência e reprodução são um conjunto de acções desenvolvidas pelos indivíduos no dia-a-dia para satisfazer suas necessidades. E este é o conceito que adopto para esse trabalho.

Meio-ambiente

De acordo com o Dicionário de Termos de ecologia de Lima *et al.*(2019) o meio ambiente é um “conjunto de dos agentes físicos, químicos, biológicos e dos factores sociais susceptíveis de exercerem um efeito directo ou mesmo indirecto, imediato ou a longo prazo, sobre todos os seres vivos, inclusive o homem”. Apesar de agregar factores sociais e naturais deixa de lado os efeitos da transformações que o próprio homem pode causar no meio ambiente.

A definição de Pinto de Albuquerque (2007) consegue ser mais abrangente, para este Autor que define o meio ambiente é “um lugar determinado e/ou percebido onde estão em relações dinâmicas e em constante interacção os aspectos naturais e sociais. Essas relações acarretam processos de criação cultural e tecnológico e processos históricos e políticos de transformação da natureza e da sociedade”.

Capítulo IV: Procedimentos Metodológicos

Neste capítulo apresento os procedimentos metodológicos adoptados na elaboração do trabalho. Primeiro apresento o Método, em seguida descrevo as etapas da elaboração da pesquisa, as técnicas, o processo de registo e análise de dados e por fim apresento os constrangimentos ocorridos durante a elaboração da pesquisa

Para a realização deste trabalho optei por uma abordagem qualitativa, com vista a compreender com maior profundidade os processos que levam a mudança de estratégia de reprodução social, assim como as novas estratégias adoptadas pelas vendedeiras de amêijoas. Para a concretização desde objectivo realizei um trabalho Etnográfico no Bairro da Costa do Sol, na cidade de Maputo. Segundo três etapas, a primeira etapa foi da realização do trabalho etnográfico, a segunda etapa dediquei-me a revisão de literatura e, na terceira, a análise de dados dos dados recolhidos no trabalho etnográfico. As técnicas usadas adoptadas foram, a observação directa, as entrevistas semi-estruturadas, as conversas informais e o uso da fotografia.

4.1. Etapas da elaboração do trabalho

Na primeira etapa, dediquei-me ao trabalho Etnográfico que consistia uma investigação exploratória na Praia da Costa do Sol, no mercado dos pescadores. O trabalho Etnográfico foi feito em dois momentos, no primeiro momento fiz as observações, entrevistas e conversas informais na praia da Costa do Sol nas margens da praia onde os pescadores guardam os barcos. As observações foram feitas a partir do dia 22 de agosto a 27 de setembro de 2018 em dois horários das 16h00 às 18h00 e das 7h00 às 10h, este primeiro momento teve a duração de um mês. No segundo momento as observações, conversas informais e entrevistas semi-estruturadas foram feitas no mercado dos pescadores nos dias 10 de março a 23 de maio de 2019 também em dois horários diferentes das 9h30 às 11h00 e das 14h00 às 16h00, este momento teve a duração de três meses.

Na segunda etapa, fiz uma revisão de literatura, consultei documentos oficiais obtidos no Ministérios do mar, pesca e águas interiores (MIMAP), livros da biblioteca Barzão Mazula na Universidade Eduardo Mondlane, teses na Departamento de Arqueologia e Antropologia (DAA) e artigos em revistas científicas. A consulta desses materiais permitiu-me saber mais sobre os resultados das pesquisas científicas sobre as comunidades pesqueiras, reprodução social e questões

ecológicas em antropologia. A revisão de literatura foi realizada em simultâneo com o trabalho etnográfico.

A terceira etapa foi dedicada a análise dos dados recolhidos no trabalho Etnográfico. Esta fase consiste em, procurar nos dados recolhidos o que todas as pessoas entrevistadas tinham em comum e identificar elementos que em contraste com as informações obtidas na revisão de literatura pudessem levar a criação de um problema sociológico e uma pergunta de partida.

Após a criação de uma problemática foi necessário a consulta de livros, teses e artigos que pudessem auxiliar na resolução do problema sociológico. As leituras servem para assegurar a qualidade da problematização enquanto as entrevistas e os métodos complementares, ajudam o investigador a ter um contacto com a realidade vivida pelos actores sociais (Quivy e Campenhout 1995).

A revisão de literatura era constantemente necessária, por isso em todas as etapas da realização da pesquisa usava a literatura para auxiliar a minha compreensão isso porque de acordo com Malinowski (1974) um cientista deve estar teoricamente actualizado e, inspirar-se nos resultados mais recentes das pesquisas científicas.

4.2. Técnicas de registo de dados

Conforme exposto anteriormente, para este trabalho foram usadas as seguintes técnicas: a observação directa, as conversas informais, as entrevistas semiestruturadas e a Fotografia. Essas técnicas permitiram o acesso às trajectórias de vida dos participantes do estudo.

A técnica de observação directa, consistiu em olhar, ouvir e escrever as práticas e interacções sociais no local da observação. Durante as minhas visitas ao local pude observar o movimento quotidiano das pessoas desde a pesca à venda do peixe e dos mariscos. Depois de observar por alguns dias, comecei a ter conversas informais com as pessoas que frequentavam aquele local e com tempo comecei a fazer entrevistas semi-estruturadas com alguns pescadores. As entrevistas com os pescadores, as observações no ambiente da praia e conversas com os professores e outros colegas da Antropologia, levaram-me a entrevistas, conversas informais e observações no Mercado dos Pescadores com as colectoras e vendedeiras de amêijoas. Com as observações das actividades e as entrevistas aos participantes, identifiquei um padrão que eu pretendia estudar.

As observações, conversas informais e entrevistas semiestruturadas fazem parte da pesquisa exploratória, para Quivy e Campenhoudt (1995) a fase exploratória comporta as operações de leitura, as entrevistas exploratórias e outros métodos de exploração complementares.

A fotografia como técnica de pesquisa, usei-a para melhor ilustrar o ambiente nos locais de pesquisa (praia da Costa do Sol e Mercado dos pescadores. Para Milton Guron (2012:81) a fotografia visa especificamente integrar no discurso, na apresentação dos resultados da pesquisa e funciona fundamentalmente na descrição e na integração dos fenômenos pesquisados.

4.3. Constrangimentos no processo da elaboração da pesquisa

Durante a elaboração do trabalho enfeitei alguns constrangimentos, principalmente no processo da recolha de dados, esses constrangimentos tornaram-se de certo modo um obstáculo para a realização do trabalho, mas o processo de superação desses obstáculos é que possibilitou a criação da problemática apresentada nessa pesquisa cada um deles.

Dos constrangimentos enfrentados ao longo da elaboração do trabalho, consigo descrever três tipos: o primeiro com o qual deparei-me foi no momento da recolha de informação no terreno. Nas minhas conversas informais, quando identificava-me como estudante da Universidade Eduardo Mondlane e pedia-lhes informações, perguntavam o que ganhavam com isso. E eu explicava que era um estudante e estava a recolher dados para um trabalho na universidade e que não eram obrigados a me fornecer informações se não quisessem.

O segundo constrangimento com o qual deparei-me é inerente a natureza do trabalho científico. A maioria dos participantes imaginavam que a minha pesquisa tinha um carácter interventivo, pensavam que com os resultados da pesquisa, eu deveria de alguma forma intervir junto ao governo para melhorar as suas condições de trabalho. Diziam-se cansados, porque não faltam pessoas para fazer as mesmas perguntas, mas nada mudava, continuavam com os mesmos problemas. Eu tenho que regularmente explicar que os objectivos da minha pesquisa eram meramente científicos e não interventivos.

O terceiro constrangimento é inerentes as minhas expectativas quanto aos resultados do trabalho Etnográfico. Quando iniciei o trabalho Etnográfico tinha o objectivo de compreender a relação das comunidades costeiras com o meio ambiente, na suposição de que essas comunidades detinham

conhecimentos locais que possibilitavam uma exploração sustentável dos recursos. Mas os dados Etnográficos não traziam nada que indica-se conhecimentos locais de exploração sustentável de recursos.

Desta forma decide focar-me nas informações que obtive com os participantes do estudo, e decidi abandonar a busca pelos conhecimentos locais de exploração sustentável que era fruto das minhas pré-noções.

Capítulo V: Estratégias de reprodução social das revendedoras de invertebrados no Mercado da Costa do Sol

Nesta Fase do trabalho, apresento as características físicas, geográficas, socioeconómicas do local de estudo, obtidas à partir da revisão bibliográfica e do trabalho etnográfico. Esta fase encontra-se dividida em três secções: na primeira secção, apresento as características físicas e geográficas da costa moçambicana, do bairro da Costa do Sol e do Mercado dos Pescadores. Na segunda secção, mostro o processo que leva a mudança das estratégias de reprodução social das participantes do estudo e, por fim, apresento as novas estratégias adoptadas pelos participantes do estudo.

5.1. Características da costa moçambicana

Moçambique está situado no Hemisfério Meridional entre os paralelos 10° 27' Sul e 26° 52' Sul. Pertence também ao Hemisfério Oriental entre os meridianos de 30° 12' Este e 40° 51' . O seu território enquadra-se no fuso horário dois, possuindo assim duas horas de avanço relativamente ao Tempo Médio Universal, tal como uma parte dos países da Europa Setentrional e Oriental (Muchangos 1999: 9).

A linha da costa tem um comprimento de cerca de 2700km e é caracterizado por uma diversidade de habitantes que inclui praias arenosas, dunas costeiras, recifes de corais, estuários, baías, florestas e pântanos de mangal, tapetes de ervas marinhas (Hoguane 2007: 70).

O clima, de modo geral, é tropical húmido com duas estações distintas: seca de inverno e húmida de verão. A precipitação média anual é cerca de 1200mm, e ocorre maioritariamente durante o verão, entre os meses de Novembro e Abril. Contudo, de acordo com a classificação de Köppen, a zona norte do país, nas províncias de Cabo Delgado, Niassa, Nampula e Zambézia e as zonas costeiras são caracterizados por clima de savana com chuvas tropicais (BWW)⁶, enquanto as zonas altas e do interior são caracterizadas por clima temperado húmido (CW)⁷ (Hoguane 2007: 70).

⁶ BWW- temperatura, seco, árido de savana

⁷ CW-temperatura com inverno seco

5.2. Ervas marinhas e algas

Existem cerca de 12 espécies de ervas marinhas em Moçambique, sendo que as espécies mais comuns são: *Thalassodendronciliatum*, que ocorre na zona entre marés do sul do país; *Halophilastipulacea* e *Enhalusacoroides*, na zona norte do país (Hoguane 2007: 70).

Quanto às micro algas, no Sul predominam as algas castanhas e verdes enquanto, as algas vermelhas ocorrem principalmente na zona norte. As principais espécies são: *Euchemadenticulatum*, *Padinaboryana*, *Sargassum*spp, *Colpomenia sinuosa*, *Anadyomenewrightii*, *Gellidielaacerora*, *Haliptylonsubulata*, *Hormophysatriquetra*, *Hypnaspp* e *Valoniamacrophysa* (Hoguane 2007: 70).

Os mangais são predominantes no Banco de Sofala e na Baía de Maputo. As principais espécies são: *Rizophoramucronata*, *Bruguieragymnorrhiza*, *Avicennia marina*, *Ceriopstagal*, *Sonneratiaalba* e a *Xilocarpusgranatul*. Com base no inventário florestal feito em 1992 em Moçambique, existiam cerca de 396,000km de florestas de mangal. Têm-se observado uma redução na extensão das florestas de mangal na ordem de 3,9% por ano, devido à destruição ou sobre exploração (Hoguane 2007: 75).

5.3. A zona dos pescadores e o Bairro da Costa do Sol

A zona dos Pescadores, local onde a pesquisa foi realizada, pertence ao bairro da Costa do Sol, no distrito urbano kamavota. Esta zona era anteriormente designada aldeia Espírito Santo, mas com o governo de transição, foram realizadas reuniões em 1976 e 1977 no bairro de Benfica (actual Jorge Dimitrov) com o objectivo de mudar o nome de aldeia do Espírito Santo para o de Zona dos Pescadores. Actualmente, esta Zona é composta por dezassete quarteirões que são: 16, 19, 22, 29, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 63, 64, 65, 66, 67, 68. Cada quarteirão tem aproximadamente 80 residências (Manganhe 2017).

A zona dos pescadores é maioritariamente salubre, com um lençol freático próximo da superfície. Por isso, propensa à inundações. Os residentes da zona dos pescadores desenvolvem as seguintes actividades: pesca e captura de amêijoas, agricultura e comércio. A pesca é desenvolvida por homens e a captura de amêijoas por mulheres (Manganhe 2017).

5.4. O Mercado dos Pescadores

O mercado dos pescadores é um mercado informal localizado no bairro Costa do Sol ao redor das margens da praia. Apesar de ser um mercado informal, os fiscais do governo . As estruturas do mercado estão a trabalhar para pedir o espaço oficialmente ao governo e transformá-lo num mercado oficial.

De acordo com a dona Nina a chefe do mercado (não oficial):

no passado, no mercado só vendiam amêijoas, o peixe era vendido na praia. Mas por causa da nova estrada, e da circulação das pessoas onde se localizava o mercado, as pessoas abandonaram o mercado que existia no interior do bairro e mudaram-se para o Mercado dos Pescadores. Com tempo, já não se vendia apenas peixe e mariscos, passaram a oferecer serviços tais como: de beleza, barbearias, sapatarias, barracas que confeccionam refeições, mercearias, etc. As imagens abaixo ilustram o ambiente do mercado.

(conversa com Nina, 44, vendedeira de legumes e responsável pelo Mercado dos pescadores, 7 de Janeiro de 2021).



Imagens;1 e 2: fotografias s do ambiente no mercado dos pescadores na beira da praia da Costa do Sol

5.5. Perfil dos informantes

Para a elaboração do estudo, foram seleccionadas 8 vendedeiras de invertebrados (na sua maioria amêijoas) no mercado dos Pescadores. Os participantes do estudo têm idades compreendidas entre os 30 e 41 anos. Nasceram e vivem no bairro da Costa do Sol e aprenderam a capturar amêijoas na infância com alguém da família. Actualmente a venda de invertebrados é a única actividade económica que exercem. Como critérios de selecção de participante levem em consideração a actividade exercida por cada participante e se o participante detinha algum conhecimento útil para o progresso da minha pesquisa (como é o caso da responsável pelo mercado).

Informante⁸	Sexo	Idade	Estado civil	Ocupação	Membro de agregado
Informante 1	F	32	Solteira	Revendedora de amêijoas	5
Informante 2	F	36	Solteira	Revendedora de amêijoas e ostras	6
Informante 3	F	41	Casada	Revendedora de amêijoas	6
Informante 4	F	39	Solteira	Revendedora de amêijoas, ostras e caranguejo.	5
Informante 5	F	34	Casada	Revendedora de amêijoas	7
Informante 6	F	30	Solteira	Revendedora de amêijoas, camarão e caranguejo.	5
Informante 7	F	33	Solteira	Revendedora de amêijoas e ostras	4
Informante 8	F	47	Solteira	Vendedora de Legumes e Chefe do mercado dos Pescadores	

⁸ Os nomes dos informantes do estudo inseridos neste trabalho são fictícios, para salvaguardar as identidades dos mesmos.

5.6. A vida antes da escassez dos invertebrados

Nesta fase, apresento o processo que leva a mudança de estratégias de reprodução social das revendedoras de invertebrados da Costa do Sol, tendo em conta o desaparecimento das amêijoas na praia da Costa do Sol. Antes de serem revendedoras de amêijoas e outros mariscos como camarão e caranguejo, as participantes do estudo eram apenas colectoras e vendedeiras de amêijoas. E essa era a única fonte de renda de boa parte das participantes.

Nasci aqui no bairro da Costa do Sul, desde que eu era criança, com cerca de 8 ou 9 anos, a minha mãe me levava para praia e ensinava-me como se apanhavam amêijoas. Aprendi logo, pois não é muito difícil, mas requer muito esforço. Aprendi e, com tempo comecei a apanhar sozinha, e vender no mercado para os vendedores de amêijoas como a minha mãe fazia. Também aprendi a fazer viveiros para as minhas amêijoas (...) Os viveiros servem para conservar as amêijoas porque não podemos deixar no congelador. Se deixarmos no congelador elas não aceitam mais abrir, por isso criamos viveiros na praia e colocamos as nossas amêijoas.

Depois de aprender a apanhar amêijoa, também podíamos ajudar nas despesas da casa, com o dinheiro da venda das amêijoas ajudava a comprar pão, arroz, tomate e outras coisas (...) e até hoje que tenho minha própria família, sustento com venda de amêijoas não faço mais nada.

Comecei a revender amêijoas a 8 anos, quando montei minha própria banca aqui no mercado, isso porque na praia as amêijoas eram poucas, já não dava para apanhar o suficiente para vender e conseguir sobreviver, então decidi que vou abrir uma banca e vender amêijoas também... (conversa com Marta, 32 anos, revendedora de amêijoas, 24 de Abril de 2019).

Dos trechos acima arrolados conclui que, a Marta vivia na base da colecta de amêijoas. A captura de amêijoas tinha como finalidade a venda, e com os recursos financeiros angariados com a venda conseguir satisfazer as despesas da casa. Portanto, ela era colectora e vendedeira de amêijoas. Uma história semelhante foi contada pela Rosa, revendedora de amêijoas no mercado dos pescadores.

Nasci no bairro da Costa do Sol e vivo aqui até hoje. Aprendi a apanhar amêijoas na infância, minha mãe e minha tia também faziam isso e me levavam para ajudar a apanhar, aprendi assim mesmo. Com tempo comecei a apanhar sozinha e vendia eu mesma para ajudar nas despesas da casa. Outras amêijoas comíamos lá em casa, mas a maioria vendíamos para ter dinheiro para outras coisas como comprar comida, uniforme da escola e outras coisas (conversa com Rosa, 30 anos, revendedora de amêijoas, 27 de Abril 2019).

No trecho acima arrolado, podemos compreender que a Rosa aprendeu a capturar amêijoas com os membros da sua família. E com tempo, passou a dominar as técnicas usadas para colectar as amêijoas e passou a exercer esse ofício sozinha e vendia para os revendedores no mercado. Rosa diz que, apanhava as amêijoas com a finalidade de vender, mas também usavam-nas para o consumo próprio. Outra participante que com uma história similar é a Aida, que contou-nos o seguinte:

Toda a mulher da minha família ia para a praia apanhar amêijoas quando eu era pequena, minha mãe, minha tia, minha prima e as vizinhas, então eu decidi vir com elas, foi assim que eu aprendi e nunca mais fiz outra actividade a não ser apanhar amêijoas. Apanhávamos amêijoas para comer e para vender, vendíamos no mercado nas senhoras que depois vendia para os outros (...). Mas com 28 anos abri minha própria banca e comecei a vender pessoalmente. Perguntei por que parou de apanhar? Ela responde que é um trabalho muito duro, já não aguentava mais apanhar e as amêijoas já não eram muitas era difícil encontrar, por isso mandava minha filha para procurar um pouco para ajudar na banca (conversa com Aida 39 anos, revendedora de amêijoas ostras. 15 De Agosto de 2019).

A conversa com a Aida, traz aspectos semelhantes a das outras participantes, mas também acrescenta novos aspectos como a razão pela qual ela parou de apanhar amêijoas. Ele aponta duas razões: a primeira é que o processo de captura de amêijoas é cansativo, e ela já não conseguia trabalhar como antes. A segunda e mais importante razão, é que as amêijoas começaram a escassear na praia da Costa do Sol, por isso, ela teve que procurar as amêijoas noutra praia.

Nesta conversa, também pude perceber que a Aida ensinou a sua filha a apanhar amêijoas da mesma forma que aconteceu com ela na infância, quando a sua mãe a ensinou o mesmo ofício. Um aspecto similar ao que Fátima contou sobre as suas duas filhas.

Tenho quatro filhos e sou solteira, dois rapazes e duas raparigas, as meninas, as mais velhas quando chegaram a uma idade que vi que dá para ajudarem, levei elas comigo para ensinar o que minha mãe me tinha ensinado (conversa com Fátima, revendedora de amêijoas, ostras e caranguejo, 15 de agosto de 2019).

Um aspecto importante que pude notar na conversa com os participantes foi à importância do parentesco no acesso ao trabalho. Todos os participantes do estudo aprenderem com alguém da família a apanhar amêijoas, e seguiram com a actividade porque alguém na família ensinou e transformaram-na em sua fonte de renda.

Ao analisar as relações de poder e parentesco, Silva (2015) explica que no acesso ao emprego às elites políticas no município da Londrina, Paraná, Brasil, colocam seus próprios parentes em cargos estratégicos. As vendedeiras de amêijoas passaram por um processo similar, acederam ao trabalho à partir dos seus parentes mais próximos, mãe, tia e irmã que ensinaram os seus filhos o mesmo trabalho que lhes foi ensinado pelos seus pais.

Para Mota *et al.*(2017) na família as crianças aprendem valores e conceitos que são transmitidos de geração para geração, e, muitas vezes, a família influencia nas decisões profissionais de seus filhos, seja de maneira mais subtil ou manipuladora através de uma opinião. Um ponto de vista partilhado por Manganhe (2017) advoga que, para acederem ao trabalho, para além dos parentes, contam também com a ajuda de amigos, que já estejam inseridos nesses sectores de trabalho e que, transmitem conhecimentos e experiências que garantam a aquisição de conhecimentos, técnicas e competências.

A família para este grupo social, é de crucial importância no acesso ao trabalho e na transmissão de conhecimentos e experiências. Tendo em conta que para aceder ao trabalho e a competências, este grupo depende da rede de parentesco e amizade, com a mudança de estratégias de reprodução social por parte de uma geração afecta a geração seguinte. As novas gerações recebem conhecimentos que dizem respeito a nova estratégia de reprodução social adaptada pela geração anterior.

5.7 As transformações antropogénicas na Praia da Costa do Sol

As mudanças de estratégias de reprodução social deriva de acordo com os participantes do estudo do desaparecimento de amêijoas na praia. Para Nassongole *et al.* (2019) a disponibilidade e a biodiversidade na colecta de moluscos depende de diversos factores, dos quais os autores aponta factores naturais (substrato, proximidade à Baía, exposição ao hidrodinamismo), e factores antropogénicos (saúde ambiental das praias).

Dos factores apontados pelos autores dediquei-me a desenvolver os factores antropogénicos que podem explicar o desaparecimento das amêijoas na praia da Costa do Sol. Os factores antropogénicos são inerentes a todos os processos que derivam da acção humana. No caso da praia da Costa do sol, dividirei essas em dois tipos: as primeiras são transformações causadas pela sobre-exploração de recursos marinhos (Nassongole *et al.*2019:169) e as segundas são transformações causadas pela poluição costeira (Honguane 2007).

5.7.1. A sobre exploração de recursos

Quanto as primeiras Nassongole *et al.* (2019) citando Lino Nordlund (2011) advoga que “, a população humana costeira está a crescer rapidamente ao longo da costa Leste Africana colocando os ecossistemas costeiros sob crescente pressão de exploração”. Em países tropicais como é o caso de Moçambique as comunidades pesqueiras dependem muito das recursos naturais costeiros para a sua subsistência por isso essas áreas tendem a ser mais vulneráveis a ecossistema.

Essas grandes concentrações populacionais, contribuem para o desenvolvimento de algumas actividades económicas ao longo da costa moçambicana, isso têm originado uma grande pressão sobre os ecossistemas costeiros e marinhos, e os recursos associados e consequentemente uma sobre-exploração de recursos Honguane (2007). É justamente essa sobre-exploração de recursos que determinadas as mudanças no ecossistema, tanto ao nível das comunidades biológicas (composição específica e abundância) como nos próprios habitats, podendo levar à diminuição significativa dos stocks de moluscos.

Nina a chefe do mercado explicou que:

O Mercado sofreu muitas transformações nos últimos anos. No passado neste mercado vendia-se e apenas peixe. Mas com tempo o mercado começou a ser frequentado por muitas

peças, principalmente por causa das novas estradas com asfaltos que surgiram isso transformou o mercado que passam a vender de tudo, desde legumes, bebidas e até a oferecer diversos serviços

Este depoimento mostra como pude compreender que, as novas vias de acesso possibilitaram uma maior circulação de mais pessoas no Mercado dos pescadores e na praia da Costa do Sol e conseqüentemente uma maior exploração dos seus recursos.



Imagens 3 e 4: A esquerda podemos ver um aglomerado de pessoas na praia e na direita veículos estacionados no Mercado

Com estes dados pude que intenção atividade humana na Praia da costa do Sol contribui para a transformação do ambiente costeiro. Para Hanguane (2007) essa atividade tem causado a degradação de mangal, corais, dunas costeiras, e ervas marinhas que são de crucial importância para a reprodução dos Moluscos.

Os moluscos são sazonais e influenciados por factores exógenos (como disponibilidade de alimentos, salinidade e temperatura da água e) e por factores endógenos (como o ciclo reprodutivo e pelas fases de acumulação e depleção de reservas), estes factores podem operar juntos (Aveiro *et al.*2011). A quantidade e qualidade do alimento disponíveis são importantes para a sobrevivência e reprodução dos Moluscos que alimentam-se de microalgas.

Pelo que pude observar naquela parte da praia, não existem ervas marinhas com exceção do mangal, mas é possível observar restos de ervas marinhas mortas no chão da praia. O processo de captura de invertebrados através da escavação com enxadas implicava a retirada dos restos de ervas marinhas já mortas que ainda existiam na praia



Imagem 5: A superfície da praia sem qualquer tipo de ervas marinhas que possibilitam a reprodução de ameijôas

5.7.2. Conservação do ambiente e legislação

Um factor que impulsiona a intensa actividade humana na praia é, a alta procura dos recurso como peixe, camarão, caranguejo, amêijoas entre outros frutos do mar, aliado a falta de um controle institucional de algumas dessas actividade como é o caso da captura de amêijoas. A conversa com Aida a demostra a falta de controle da actividade que afirma o seguinte:

Depois de um tempo começaram a aparecer muitas pessoas aqui na praia, colectar a amêijoas não é proibido para ninguém, qualquer um, em qualquer dia pode colectar, só precisa que a mare esteja baixa e saber como fazer. Mesmos agora, que não temos mais amêijoas, ainda têm outros invertebrados na praia, algumas pessoas apanham.

Para Hongane (2007) Existe uma fraca capacidade institucional para levar a bom termo uma planificação e coordenação das actividades económicas que decorrem nestas costeiras. O caso dos invertebrados marinhos e mais grave pois não existe um instrumento normativo que a captura de invertebrado no país (Nassongale *et al.*2019)

Na época em que capturávamos amêijoas, apareciam sempre fiscais na praia, até agora ainda aparecem, mas para controlar os pescadores, principalmente os pescadores de mariscos. Aqueles que pescam camarão e caranguejo conhecem os fiscais melhor do que nós. Nunca fiscalizaram a captura de amêijoas, nós sempre apanhamos amêijoas desde crianças nessa praia (conversa com Brígida, 41 anos, revendedora de amêijoas, 30 de agosto de 2019).

Nesta conversa com a Brígida podemos notar que, apesar da lei que tem o objectivo de estabelecer o regime jurídico das actividades pesqueiras e das actividades complementares da pesca, tendo em vista à protecção, conservação, a captura de amêijoas nunca foi fiscalizada. Mas outras actividades pesqueiras são fiscalizadas frequentemente. A fiscalização da captura de amêijoas podia contribuir para a conservação da ambiente costeira e por sua a preservação dos invertebrados.

De acordo com a lei nº. 22/2013 de 1 de Novembro, uma das missões do governo de Moçambique através da MIMAP (Ministério do Mar, águas interiores e Pesca) é a protecção e conservação do ambiente costeiro como podemos observar na seguinte citação:

A presente lei tem por objectivo estabelecer o regime jurídico das actividades pesqueiras e das actividades complementares da pesca, tendo em vista a protecção, conservação e utilização sustentável dos recursos biológicos aquáticos nacionais.

No entanto, a realidade do ambiente costeiro da praia da Costa do Sol mostra justamente o contrário. A actividade humana na praia da costa do sol compromete o crescimento das ervas marinhas e conseqüentemente a reprodução de algumas espécies de invertebrados naquela praia.

5.7.3.A poluição do ambiente

A poluição do ambiente também contribui para as transformações antrópogenias na praia da Costa do Sol. Hunguane (2007) aponta as matérias contaminantes depositados na costa moçambicana

como um dos principais factores de ameaça a biodiversidade no país, sobretudo nas zonas costeiras que são mais vulneráveis e mais expostas a essas acções negligente.

Essa contaminação das costa tem um impacto directo na sobrevivência dos moluscos já que alguns grupos respondem de forma diferente ao grau de contaminação dos ecossistemas dependendo da espécie. Espécies como Ephemeroptera e Trichoptera tendem a desaparecer a medida em que o seu habitat fica poluído (Stenert 2009).

Com uma vista de olho na praia da Costa de Sol, pode observar diversos agentes poluentes na costa e até mesmo no mar. As marcas da actividade humana podem ser vistas em toda parte, resíduos sólidos como: restos de roupas, garrafas plásticas, bacias plásticas, calçados, redes de pesca e até restos de barcos estragados como ilustram as imagens abaixo.



Imagens 6 e 7: Nessas imagens mostram alguns resíduos sólidos que podem ser encontrados ao longo da praia.

5.8.A captura de invertebrados na praia da Costa do Sol

A Pesar de não existirem mais amêijoas na Praia da Costa do Sol, ainda existem outras espécies de invertebrados marinhos e algumas pessoas ainda praticam a colecta, seja para servir de alimento, como para comercializar e ganhar algum dinheiro.

A captura de invertebrados marinhos e feita durante a maré-vazia, é uma actividade praticada maioritariamente por mulheres e crianças que vivem as zonas costeiras. Nas entrevistas que fiz com as participantes do estudo procurei saber como era feita a captura de amêijoas antes de desaparecerem. Entrevistei a Brígida e afirma que:

Aprendi a apanhar amêijoas com a minha tia, para apanhar amêijoas tínhamos que usar um instrumento que escava a terra, porque as amêijoas ficam em baixo da terra, tínhamos que escavar até as amêijoas aparecerem, ficávamos na praia durante muito tempo umas 4 ou 5 horas até apanhar o suficiente para vender no Mercado dos Pescadores. A minha mãe é que vendia, eu só apanhava e outras amêijoas vendíamos para outras pessoas revenderem no mercado. (conversa com Brígida, 41 anos, revendedora de amêijoas, 30 de agosto de 2019).

Outro depoimento similar ao da Brígida e o da Maria que durante as entrevistas afirmou que:

Na altura em que apanhávamos amêijoas tínhamos que chegar esperar a maré baixa porque assim podíamos escavar, com a maré baixa começávamos a escavar até encontrar as amêijoas, que depois vendíamos no mercado. E se não conseguíamos vender todo esse dia tínhamos que conservar... Para a conservação das amêijoas nos temos viveiros na praia, cada um com seu viveiro, os viveiros são criados na praia, onde isolamos uma parte da praia escavamos e enterramos as amêijoas que sobraram e podíamos vender dia seguinte. Apanhar amêijoas era um trabalho muito difícil e complicado por isso precisava da ajuda das crianças para apanhar muitas amêijoas o suficiente para vender. Quanto às ervas, nós às vezes tirávamos tanto na hora de apanhar as amêijoas como para a criação de viveiros (conversa com Maria, 35 anos, revendedora de amêijoas, 30 de agosto de 2019).

O depoimento da Fátima corrobora com o das demais participantes do estudo. Ela explica que a captura de amêijoas era feita da seguinte forma:

Usávamos enxadas ou um instrumento feito de ferro capaz de escavar a areia da praia e retirarmos as amêijoas. Ficávamos muito tempo na praia, era difícil porque odeiam as costas, o trabalho era muito pesado não conseguiriam fazer esse trabalho hoje em dia, já estou velha para encontrar as amêijoas do muito trabalho temos (conversa com Fátima, 33 anos, revendedora de amêijoas e outras).

Para recolher mariscos os colectores usam um instrumento em formato de arco que perfura a terra e conseqüentemente toda a vegetação do local, outros usam enxadas para apanhar amêijoas com o mesmo efeito do primeiro instrumento. Sem as algas e outras ervas marinhas na praia as amêijoas perdem elementos essenciais do seu habitat natural, elementos esses indispensáveis para a sua sobrevivência e sua de reprodução.

5.9 As novas estratégias de reprodução social imposta pelo desaparecimento das amêijoas

As mudanças provocado pelas acções antrópicas (produzidas pelo homem) na praia da costa do sol, trouxe não só conseqüências socioambientais, mas também econômicas para as populações que dependem.

De acordo com as conversas informais e entrevistas feitas com as participantes do estudo, pode compreender que as colectoras e vendedoras de amêijoas por causa do desaparecimento das amêijoas na praia da Costa do Sol deixaram de ser colectoras de amêijoas e passaram a ser revendedoras de amêijoas e outros invertebrados como ostras, camarão e caranguejo.

Eu apanho amêijoas desde os meus 10 anos, mas de uns tempos para casa, já não tem amêijoas na praia, abri minha banca há 7 anos, quando comecei a ver que as amêijoas eram poucas então comecei a ir para a praia de Macaneta para comprar lá e aumentar com as amêijoas daqui da Costa do Sol, mas ultimamente já não há nem um pouco aqui na praia, só compramos tudo em de maçaneta (conversa com Marta, 32 anos, revendedora de amêijoas, 24 de Abril de 2019).



Imagesn:8 e 9: senhoras a venderem invertebrados (ostras e lagostas) no mercado dos Pescadores.

Na conversa com a Maria podemos perceber que, por causa do desaparecimento das amêijoas na praia da Costa do Sol, ela optou por, comprar amêijoas em outra praia para vender no mercado dos Pescadores. Outro depoimento idêntico ao da Marta é o da Maria, ela conta que:

Na nossa praia de Costa do Sul tem problemas de ter amêijoas a mais de 8 anos, tivemos que deixar de procurar amêijoas nessa praia porque não conseguíamos o suficiente para viver, nós vivemos disso desde que nascemos e não sabemos fazer outra coisa por isso preferimos procurar amêijoas na praia de Macaneta, porque lá as pessoas que apanham amêijoas conseguem muitas amêijoas então elas vendem para nós e são essas que vendemos no Mercado dos Pescadores (Maria, 36 anos, revendedora de amêijoas, Janeiro de 2020).

O depoimento da Catarina mostra a mesma tendência

Quando percebi que já estava difícil encontrar amêijoas na praia decide procurar diversificar a minha banca, antes só vendia amêijoas, mas com a dificuldade de encontrar as amêijoas decidi diversificar as minhas vendas, agora vendo amêijoas, camarão e caranguejo quando a época permite, assim consigo manter o meu negócio sem isso não seria possível

manter o negócio (conversa com Catarina, 34 anos, revendedora de amêijoas, Janeiro de 2020).

Através destes dois depoimentos podemos perceber que com o desaparecimento das amêijoas na praia da Costa do Sol, as colectoras tiveram que adaptar-se a essa mudança e procurar amêijoas noutra praia para vender no Mercado dos Pescadores. Também passaram a diversificar os produtos, adicionando de camarão, caranguejo e ostras. Em suma a falta de amêijoas na praia de Costa do Sol obrigou as colectoras de amêijoas abandonar a colecta de amêijoas. Esse abandono foi feito de uma forma gradual, já que o processo de desaparecimento das amêijoas também foi gradual.

Ao abandonar a colecta de amêijoas as colectoras abandonaram a colecta de amêijoas e passaram a ser revendedoras de amêijoas compradas no se outros mariscos como ostras, camarão caranguejo. Algumas vendem exclusivamente amêijoas preferem não ariscar na venda de mariscos e continuar a vender apenas amêijoas que comprem nos colectores da praia de Maçaneta como é o caso da dona Rosa, que afirmou o seguinte:

Eu desde sempre apanhei e vendi amêijoas, por isso eu sei trabalhar com elas, sei como fazer para não ter prejuízos, para não perder o produto. Além do que eu já tenho alguns clientes fixos e fiéis e consigo sobreviver assim, prefiro não ariscar a vender outras coisas.

Já a Maria decidiu adicionar camarão e ostras.

Quando decidi abrir minha banca ainda existiam amêijoas na praia da Costa do Sol, por isso, eu comprava amêijoas para aumentar aquelas que apanhávamos aqui na Costa do Sol, mas com tempo as coisas só pioraram e por ver as outras senhoras a vender outros produtos preferi arriscar e vender camarão e caranguejo.

Com os depoimentos da Rosa e da Maria podemos perceber que apesar das recolectoras de amêijoas terem recorrido à praia da Macaneta para obter amêijoas, algumas decidiram diversificar os produtos para conseguir ganhar mais, mas outras optaram por continuar a trabalhar exclusivamente com amêijoas. No entanto, os problemas ambientais na praia da Costa do Sol, que levaram ao desaparecimento das amêijoas obrigaram todas as recolectoras de amêijoas a abandonarem a captura de amêijoas e de revender invertebrados.

5.9.1. O processo de obtenção das amêijoas da praia de Macaneta

Nas conversas que tive com as participantes do estudo, pode perceber que existem duas formas de obter os invertebrados, a primeira é que os colectores de invertebrados da praia de Macaneta deslocam-se até ao Mercado dos Pescadores na praia da Costa do Sol para vender no Mercado dos Pescadores, e na segunda forma as revendedoras do mercado da Costa do Sol deslocam-se até a praia de Macaneta para obter as amêijoas. Para além das amêijoas as revendedoras compram amêijoas e ostras.

De acordo com a Flora,

Na minha banca eu vendo amêijoas e ostras. Para encontrar amêijoas nós dependemos deles lá, quando eles conseguem apanhar as amêijoas vem ter connosco e vendem para nós aqui no mercado. As amêijoas nós vendemos em latas, que pesam 1kg. Cada lata compra por 35 meticais e vendemos a 50 ou 60 dependendo do tamanho das amêijoas. As amêijoas grandes custam 60mt as pequenas custam 50mt. Já as outras, nós vendemos a 100 meticais 12 ostras. Quanto as ostras, comecei a vender há pouco tempo, não tem e nunca tivemos outras aqui na Costa do Sol, mas em Macaneta tem, e eles trazem para nós (conversa com Flora, 34 anos, revendedora de amêijoas e ostras).

Diferente do depoimento da Flora tem o depoimento da Marta que nos explica que,

Eu vendo amêijoas camarão e caranguejo. No princípio eu só vendia amêijoas, mas decidi adicionar mariscos. O marisco apanho aqui na Costa do Sol, os pescadores trazem para nós. Já as amêijoas encontraram na praia de Macaneta. Às vezes nós vamos lá comprar as vezes eles vem para cá para vender para nós.

Aqui podemos notar diferenças nos depoimentos das participantes, no seu depoimento a Flora explica que não precisa ir até a praia de Macaneta para comprar invertebrados, diferente da Marta no seu depoimento afirma que a vezes que precisa de deslocar-se até a praia de Macaneta para conseguir as amêijoas.

Com esses depoimentos podemos perceber que para a obtenção dos invertebrados as revendedoras precisam comprar dos colectores da praia de Macaneta, através de dois processos, o primeiro

processo implica a deslocação dos colectores da praia de Macaneta até ao mercado dos pescadores na praia da Costa do Sol, no segundo processo as revendedoras é que se deslocam até a praia de Macaneta para obter os produtos.

A adopção novas estratégias de reprodução social e o abandono da captura de amêijoas correspondem aos processos de enculturação e desculturação (desculturação parcial) respectivamente. Ao abandonar gradualmente a captura de amêijoas as vendedeiras de invertebrados deixam de ser colectoras de invertebrados perdem um elemento cultura, pois esta actividade era passada de geração em geração e partilhado por uma colectividade social específica. Ao adoptar formas alternativas de encontrar amêijoas, adicionaram um novo elemento cultural e tornam-se revendedoras de amêijoas. Para Bernardi (2007) os processos da dinâmica cultural (enculturação e desculturação) não acontecem de forma sucessiva, mas, são processos que acontecem Simultaneamente.

Outro aspecto não menos importante é a acção de cada um dos actores que frequentam e que realizam atividades económicas na praia da Costa do Sol. Os processos de tomada de decisão dos actores, inerentes a conservação do ambiente e exploração dos recursos é de crucial importância para perceber as condições atual a praia. Mas importante ainda é a importância dos processos de tomada de decisão de cada actor para as estratégias de adaptação. A resposta das vendedeiras de amêijoas perante a situação de mudanças. É um exemplo das análises feitas pela antropologia processual.

As novas perspectivas teóricas da Antropologia Ecologia processual podem ser resumidas da seguinte forma: exame de das relações entre variáveis demográficas e sistemas de produção; a observação de respostas populacionais ao estresse ambiental e a investigação sobre as respostas adaptativas (Neves 2002:2) como é o caso das vendedeiras de ameijoas que se adaptaram a nova realidade imposta pelas mudanças no ambiente.

Capítulo VI: Considerações Finais

A presente pesquisa analisou dinâmicas de reprodução social entre as revendedoras de amêijoas no Mercado dos Pescadores na praia da Costa do Sol. Esta análise foi feita tendo em conta as novas condições ambientais impostas pelas transformações provocadas pela exploração desordenada e excessiva de recursos que provocou o desaparecimento de amêijoas naquela praia e a abordagem de Da Silva (2013) que atribui as metamorfoses do ambiente costeiro às acções humanas.

Para concretização deste objectivo usei como método de investigação, o etnográfico. Este método permitiu-me recolher dados que possibilitaram uma melhor compreensão do grupo social. Os dados recolhidos permitiram-me perceber que a praia da Costa do Sol tem sofrido uma escassez de amêijoas devido às acções exacerbadas do homem.

Com essa escassez, as vendedeiras tiveram que adaptar-se à nova realidade. Deste modo, tiveram que adoptar novas estratégias de reprodução social, deixando de ser colectoras de invertebrados e passaram a ser revendedoras de amêijoas. Algumas tornaram-se revendedoras de invertebrados e outras de mariscos.

A mudança de reprodução social deu-se a três níveis, nomeadamente: ambiental, económico e urbano. A nível ambiental, as mudanças derivam da excessiva procura de invertebrados, o que causou uma exploração desordenada provocando transformações no ambiente natural da costa o que conseqüentemente afectou a reprodução dos invertebrados. As transformações ao nível económico, derivam das transformações ambientais, pois, sem as condições adequadas para a reprodução das amêijoas, as colectoras viram-se obrigadas a mudar de actividade (apesar de não ser uma mudança drástica) e por fim, as mudanças à nível urbano derivam das novas construções no bairro, da criação de novas vias de acesso, isso possibilitou o aumento da procura dos produtos pesqueiros da praia.

A adopção de novas estratégias de reprodução social e o abandono da captura de amêijoas correspondem aos elementos da dinâmica cultural: de enculturação e desculturação (parcial). Ao abandonar a captura de invertebrados e adoptar formas alternativas de encontrar amêijoas as vendedeiras de invertebrados deixam de ser colectoras de amêijoas e passaram a ser vendedeiras de invertebrados e outros mariscos. Para Bernadi (2007) os processos da dinâmica cultural

(enculturação e desculturação) não acontecem de forma sucessiva, mas, acontecem simultaneamente.

A escassez de invertebrados no geral e, o desaparecimento de amêijoas em particular, implicaram mudanças no seu ambiente de trabalho e como formas de adaptação, as participantes do estudo decidiram abandonar a colecção de invertebrado e dedicar-se à revendê-los. Algumas das participantes do estudo optaram por dedicar-se à revender exclusivamente amêijoas e outras decidiram acrescentar mariscos e outros frutos do mar no seu negócio para conseguir ganhar mais. Desta forma, as participantes do estudo adaptaram-se às mudanças no ambiente e continuar a ganhar a vida através dos frutos do mar como sempre fizeram desde a sua infância.

Os resultados desta pesquisa podem ser usados pelas entidades responsáveis pela conservação e controlo do ambiente costeiro, para criar ou aprimorar o processo de conservação e controlo dos ecossistemas costeiros com especial atenção para a captura de invertebrados em Moçambique em geral e, na praia da Costa do Sol em particular.

Referências Bibliográficas

Almeida, Adrielson e Jardim, Mario.2018.“Mudanças socioeconômicas e ambientais resultantes das políticas públicas de desenvolvimento socioeconômico no litoral do Nordeste do Pará”. *Desenvolvimento e meio Ambiente*.v.49, pp.108-129.

Aveiro, Mariana. Magalhães Aimé. Tramonte, Vera. Scheafer Ana. Variação sazonal na composição do bivalve de área anomalicardia brasileira da reserva extrativa marinha do Pirajubaé. Núcleo de Estudos em Patologia Agrícola (NEPA). Departamento de Aquicultura. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. Brazil.

Bernardo Bernardi. 2007. *Introdução aos estudos etno-antropológicos*. Edições 70. Lisboa.

Choi-Lima, Katherine. Thais M. Campos, Thais. De Meirelles, Ana Carolina. Silva, Christine. Da Costa, Thiago & Abessa, Denis. 2017. “Using traditional ecological knowledge to prospect the distribution of the Antillean manatee *Trichechus manatus manatus* (Sirenia: Trichechidae) in the states of Ceará and Rio Grande do Norte, Brazil”. *Pan-American Journal of Aquatic Sciences*, pp.234-247.

Clauzet, M. Ramires, M. Barreia, W. 2005. “Pesca artesanal e conhecimento local de duas populações caiçaras (enseada do mar e barra do una) no litoral de São Paulo, Brasil” *Multiciência*, pp.1-22.

Da Silva, Edilma. Oliveira, George. Lopes Júnior, Edmilson. 2013. “Características Socioeconômicas e Culturais de Comunidades Litorâneas Brasileiras: Um Estudo de Caso - Tibau Do Sul – RN”. *Bol. Téc. Cient. CEPENE, Tamandaré - PE - v. 19*, pp.1- 69.

Da Silva, Carla. 2015. Relações de poder político e Parentesco no Município de Londrina-Paraná. Paraná. Universidade de Federal do Paraná. Departamento de ciências sociais.

Diegues, António.1999a. Povos e mares uma retrospectiva da sócia antropologia marítima”. *CEMAR*. São Paulo.

Diegues, António. 1999b. “A Sócio-Antropologia das Comunidades de Pescadores Marítimos No Brasil”. *CEMAR*. São Paulo.

- Diegues, António. 2003. “A interdisciplinaridade nos estudos do Mar: o papel das Ciências Sociais”, pp.1-23.
- Filho, Paulo. 2017. *Jogos do Mar-alto: os pescadores, as técnicas e os seres marinhos no litoral oriental*, pp.1-18.
- Forman, Shepard. 1970. *The raft fisherman: Tradition and changes in Brazilian peasant Economic*. Indiana Univercitypress.
- Guron, Milton. 2012. *Documentação fotográfica e pesquisa científica: Notas e reflexos*. XII Premio Furmate Marc Ferroz de Fotografia.
- Hoguane, António. 2007. “Perfil Diagnostico da Zona Costeira de Moçambique”. *Revista de gestão costeira integrada*. 7(1), pp.69-82.
- Lakatos, Eva e Marcone, Mariana. 2003. *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo. Editora Atlas. 5 Edição.
- Lima, Eudes. Filho, Jeremias. Araujo, Aryane. 2016. *Diconario dos termos usados em Ecologia*.
- Malinowski, Branilaw. 1978. *Os argonautas do pacífico ocidental*. São Paulo: Abril cultural. 2 Edição.
- Malinowski, Branilaw. 1974. “Introdução: Objecto, método e alcance desta investigação”. *Os argonautas do pacífico ocidental*. *Etologia* (8), pp. 17-37 edição.
- Manganhe, Yolanda. 2017. “Aceder ao trabalho e competências: um estudo entre um grupo de pescadores sazonais na zona da costa de sol, cidade de Maputo”. UEM-DAA
- Migotto, Álvaro e Marques, António. 2003. “Invertebrados Marinhos”. *Avaliação do Estudo do Conhecimento da biodiversidade biológica do Brasil*. São Paulo.
- Moçambique. Lei das pescas que revoga a Lei n. 3/90, de 26 de Setembro. Lei n. 22/2013. Imprensa nacional EP. I série numero 88.

Morão, Fernandes. 1967. “A pesca no litoral sul do estado de são Paulo: o pescador lagunar de iguape-Cananéia”. Universidade de são Paulo.

Muchangos Aniceto. 1999. *Moçambique, Paisagens e regiões naturais*. Impressão: tipografia globo.

Muhamede, Issufo.2014. “Viver na terra trabalhar no mar: um estudo sobre prática de pesca com rede de arrasto na comunidade Quelimane, Angoche”.UEM-DAA.

Nassongole, Bianca. Silva, Isabel.Quintino, Victor e Malaquias, Manuel.2019. “Biodiversidade de molluscos da zona entre-marés da cidade de Pemba (mocçambique) in: IRLP Revista internacional em língua portuguesa, n. 35, pp.167-179

Nunes, Francisco. 2007. “Sob o signo da entropia: Notas da antropologia Marítma” in: *ICTE-IUL-dept de antropologia*.

Oliveira, Maria. 2012. “Moluscos Bivalves em Portugal: Composição Química e Metais contaminantes”. UNL

Quivy, Raymond e Campenhoudt, Luc Van. 1995. *Manual de investigação em ciências sociais*. Gradiva.Paris

Rappaport, Roy. 1990. Ecosystem, populations and people. In: Moran, E. F. (ed.), *The Ecosystem Approach in Anthropology. From Concept to Practice*. Ann Arbor. The Univ. of Michigan Press, pp.41-72.

Silva, Carlos.2015. *Mudanças climáticas e Ambientais: contexto educacional e história*.Editora do IFRN

Spiro, Melford. 1998. “Algumas reflexões sobre o Determinismo e o Relativismo Culturais com Especial Referência a Emoção e a Razão” in: *Educação sociedade e cultura*, pp.197-230.

Stenert,Cristine.2009.“Estrutura da comunidade de invertebrados quaticos em arraiz do rio grande do sul. Universidade Federal de Sao Carlos”: UFSCar

Zandamela , Américo. 2017.“ Dinâmicas de reprodução social entre um grupo de reassentados na zona de Chiango, na Cidade de Maputo”. UEM-DAA

Anexo

Mapa de Localização da área de estudo



